

O ESTADO MUNDIAL DA PESCA E AQUICULTURA EM 2020

THE STATE OF WORLD FISHERIES AND AQUACULTURE IN 2020

EL ESTADO MUNDIAL DE LA PESCA Y LA ACUICULTURA EN 2020

BONFA NETO, Dorival

Resenha de: FAO. **The state of world fisheries and aquaculture**. Sustainability in action. Roma, 2020.

O relatório *The State of World Fisheries and Aquaculture* (conhecido como *SOFIA*) é lançado a cada biênio trazendo dados e estatísticas recentes sobre a produção pesqueira e aquícola no mundo. A publicação é de responsabilidade da FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*)¹ que coleta os dados de diversos países e instituições e organiza relatórios, obtendo um panorama geral e atual da pesca e da aquicultura no mundo. A edição de 2020 do *SOFIA* é focada principalmente na sustentabilidade, com o subtítulo "Sustentabilidade em ação", demonstrando a necessidade da pesca e aquicultura serem mais sustentáveis, o que contribuirá para um mundo mais próspero, pacífico e menos desigual (FAO, 2020). O documento está dividido em três partes: a primeira, "Revisão mundial", traz dados e estatísticas coletados até o ano de 2019 referentes à produtividade, comércio, trabalho e alimentação do setor pesqueiro e aquícola; a segunda e a terceira partes, "Sustentabilidade em ação" e "Perspectivas e questões emergentes", tratam-se dos assuntos relacionados às mudanças climáticas, questões trabalhistas, questões de gênero, Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, segurança alimentar, programas de apoios aos locais com situações de vulnerabilidade e perspectivas, necessidades e previsões futuras para os setores pesqueiro e aquícola.

O *SOFIA* 2020 se baseou em informações anteriores a pandemia da COVID-19, porém o relatório já aponta que a pesca e a aquicultura estarão entre as atividades mais afetadas pela pandemia devido a fatores como a crise nos sistemas de transportes para a exportação e importação de pescados e a incapacidade dos pescadores de pequena escala em vender as suas produções, além da queda dos preços e da renda.

A qualidade de dados e as estatísticas de captura realizadas pela FAO depende da precisão, competência e oportunidades de acesso as informações e as autoridades nacionais e ONG's para obtenção dos dados. Quando frequentemente há um erro ou déficit, a FAO trabalha para corrigi-los e completá-los em colaboração com os países e com as instituições responsáveis pela gestão, manejo, políticas e ordenamento pesqueiro. Normalmente, os dados sobre captura marinha são mais fiéis e com menos erros do que os dados de captura continental. Quando não há respostas ou dados por parte dos países a FAO faz uma estimativa própria, como é o caso do Brasil que não publica dados do setor pesqueiro (em termos dos diferentes segmentos produtivos) desde 2011². A produção global de pescados alcançou em 2018 aproximadamente 179 milhões de toneladas, avaliados em 401 bilhões de dólares. Desse total, 82 milhões de toneladas (250 bilhões de dólares) foram provenientes da aquicultura. Do total capturado, aproximadamente 156 milhões de toneladas (87%) foram voltados diretamente para o consumo humano, que atingiu uma média 20,5kg por pessoa/ano, devendo

1 Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, é uma das agências das Nações Unidas (ONU) que realiza esforços para a erradicação da fome e o combate à pobreza no mundo.

2 Porém o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), por meio do seu relatório anual de Produção Pecuária Municipal, tem informado dados referentes à aquicultura desde 2013.

aumentar nas próximas décadas, demonstrando o seu papel crescente na segurança alimentar global, segundo a própria FAO.

Entre todas as modalidades de produção de pescados (pesca marinha, pesca continental, aquicultura marinha e aquicultura continental) a pesca marinha ainda é a que tem maior produção (84,4 milhões de toneladas), seguida da aquicultura continental e marinha (as duas formas de aquicultura produziram 82,1 milhões de toneladas de pescados) e por último a pesca continental (12 milhões de toneladas). Após anos de estagnação, a FAO constatou um acréscimo de 5,4% na captura de espécies marinhas, totalizando 96,4 milhões de toneladas em 2018, sendo que boa parte disso é atribuído ao aumento da pesca de Anchoveta (*Engraulis ringens*) no Chile e no Peru. A pesca marinha corresponde a 87,5% do total, e a continental (rios, lagos, lagoas, represas, etc.) a 12,5%, mas esta é fundamental para os países africanos (fornece 25% dos peixes) e asiáticos. Os dados também indicam que as espécies marinhas estão em contínuo declínio, necessitando esforços globais para reverter isso.

A China é a líder na produção global de pescados (por aquicultura e pesca), com 35% do total global. Excluindo a China, temos a Ásia (34%), seguida da América (14%), Europa (10%), África (7%) e Oceania (1%). Em relação a pesca, os sete maiores produtores pesqueiros são responsáveis por mais de 50% da produção global, tratam-se da China (15%), Indonésia (8%), Peru (8%), Índia (4%), Rússia (6%), EUA (6%) e Vietnã (4%). O Brasil ocupa a 13ª posição na produção de peixes em cativeiro e a 8ª posição na produção de peixes de água doce. As espécies mais capturadas pela pesca marinha no mundo foram a Anchoveta Peruana (*Engraulis ringens*), com quase 8 milhões de toneladas/ano, seguida do Alaska Pollock (*Theragra chalcogramma*), com 3,4 milhões de toneladas/ano e do bonito (*Katsuwonus pelamis*) com 3,2 milhões de toneladas/ano.

A aquicultura vem tendo um papel crescente como fonte de alimentação e sua produção tem aumentado em média 7,5% ao ano desde 1970, sendo composta principalmente por pescados de águas interiores (continentais). A atividade apresenta crescimento exponencial em todos os continentes, principalmente após 1990. Em 2018, pelo menos 39 países tiveram a produção da aquicultura superior a da pesca. Em termos de região, a Ásia conta com a maior produção aquícola (89% do total), seguida da América do Sul. A China é o maior produtor global, seguida da Índia, Indonésia, Vietnã, Bangladesh, Egito, Noruega, Chile, Mianmar, Tailândia, Filipinas, Japão e Brasil. Do total da produção aquícola, 54,4 milhões de toneladas são peixes, 17,7 milhões são moluscos e 9,4 milhões são crustáceos. As principais espécies produzidas pela aquicultura são as Carpas (*Ctenopharyngodon idellus*, *Hypophthalmichthys molitrix* e *Oreochromis niloticus*).

O consumo de pescados tem aumentado em uma taxa de 3,1% ao ano desde 1961 até 2017. Esse aumento tem ocorrido por fatores que vão além do aumento da produção, como desenvolvimentos tecnológicos no processamento e no armazenamento, remessas de distribuição mais sofisticadas, aumento de renda que se relaciona com o aumento da demanda por produtos pesqueiros, redução dos desperdícios e do aumento na consciência dos benéficos para a saúde, provenientes do consumo da carne de peixe.

Estima-se que mundialmente o consumo de pescado represente cerca de 17% da ingestão de proteína animal pela população, sendo que 87% da produção total de peixes é direcionada para o consumo humano. Da parte que não é utilizada para o consumo humano, 80% é destinado para fazer farinha e/ou óleo de peixe, e os 20% restantes tratam-se de peixes ornamentais, iscas, ração para animais, produtos farmacêuticos, etc. Globalmente, os peixes fornecem mais de 20% da proteína animal consumida per capita para mais de 3,3 bilhões de pessoas, chegando a mais de 50% em países como Bangladesh, Camboja, Gana, Gâmbia, Indonésia, Serra Leoa, Sri Lanka e outros pequenos Estados insulares em desenvolvimento.

Dessa forma, as pescarias são cruciais para a segurança alimentar global, sobretudo para as comunidades pesqueiras rurais e mais pobres em que a atividade é a principal fonte de subsistência. Entre os principais benefícios do consumo de pescado são ressaltados os seguintes: redução da desnutrição e subnutrição, redução do consumo desregulado de calorias, supressão de deficiências de ferro, iodo, vitamina A e zinco, também auxiliando na saúde mental, na prevenção de doenças cardiovasculares e AVC (Acidente Vascular Cerebral ou Derrame Cerebral).

Aproximadamente 59,51 milhões de pessoas estão engajadas na captura, sendo 38,98 milhões na pesca e 20,53 milhões na aquicultura. A maioria da força de trabalho nas pescarias artesanais se concentra no continente asiático (85%), seguido da África (9%), América (4%), Oceania (1%) e Europa (1%). As mulheres estimam 14% do total da força de trabalho, sendo as responsáveis por 19% na aquicultura e 12% na pesca, sendo que a participação das mulheres é bem maior na pesca artesanal (aproximadamente 50%) do que na industrial. A América trata-se da região com a maior proporção de trabalho feminino nas pescarias, aproximadamente 30%.

O relatório traz a necessidade da redução das desigualdades de gênero em atividades como a pesca e a aquicultura, em que a mulher possui funções fundamentais, mas que muitas vezes são invisibilizadas. Enquanto os homens normalmente são responsáveis por realizar a captura, que é somente uma etapa da pesca, as mulheres realizam diversas etapas pré e pós captura, como arrumar e organizar o material de pesca, preparar o alimento para o companheiro que sai para pescar, limpar os pescados das partes indesejadas, organizar o produto para o preparo e para o comércio, realizar o processamento do pescado, entre outras funções. Nesse sentido, a mulheres que realizam essas funções também devem ter o seu papel reconhecido como pescadoras (FAO, 2020)

Quanto as embarcações, estima-se que no mundo contenha 4,56 milhões de embarcações, em que a Ásia conta com 67,6% desse número (aproximadamente 3,1 milhões), seguida da África (20,3%), América (9,7%), Europa (2,1%) e Oceania (0,3%). De uma maneira geral, a maioria das embarcações são para pesca artesanal e de pequena escala, 82% das embarcações possuem até 12 metros de comprimento e são motorizadas.

Em 2018, 67 milhões de toneladas de peixes (peso vivo equivalente) foram comercializados internacionalmente, quantidade equivalente a 38% de todos os peixes capturados ou cultivados mundialmente. Sobre as formas de comercialização, 44% são vendidos vivos, frescos ou resfriados, 35% congelados, 11% processados e 10% curados e salgados. Nos países do leste e sudeste asiáticos, a comercialização de peixes vivos é uma tradição com mais de 3000 anos, embora esta maneira não é recomendada por questões sanitárias.

De uma maneira geral, em décadas recentes o setor pesqueiro se tornou mais complexo e dinâmico, dirigindo-se para a indústria varejista, para a diversificação de espécies, terceirização do processamento, ligações de fornecimento entre os produtores, etc. Isso causou uma expansão do mercado global, no comércio e no consumo de produtos pesqueiros, além de um significativo desenvolvimento da qualidade e da segurança alimentar provenientes desse mercado de grande e pequena escala. Entre os maiores exportadores globais estão a China, Noruega, Vietnã, Índia e Chile.

Em escala global a pesca praticada de maneira insustentável tem aumentado, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980, momento de grande expansão dos barcos de pesca industrial e que inicia o colapso dos estoques pesqueiros no mundo, ficando claro que estes eram recursos finitos, demandando assim a necessidade de se pensar em políticas para a conservação desses recursos. Em 1970 a proporção da pesca insustentável era de 10%, em 2017 esse número chegou a 34,2%. Essa medida ainda é alta e não está melhorando, embora 78,7% dos peixes desembarcados são provenientes de estoques biologicamente sustentáveis. As regiões com as mais altas percentagens de estoques pescados sob formas insustentáveis são o Mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho (65,2%), seguido do sudeste do Pacífico (América do Sul), com 54,5%, e do sudoeste Atlântico (Brasil, Uruguai e Argentina) com 53,3%. As outras regiões do Pacífico, centro-leste, nordeste e sudoeste tiveram as menores proporções de estoques pescados de formas insustentáveis (entre 13% e 22%).

Outro problema discutido trata-se das mudanças climáticas globais que irão afetar, sobretudo, a captura marinha nas regiões tropicais do planeta Terra, onde se localizam as regiões mais pobres e subdesenvolvidas, como o Sudeste Asiático, a África e a América Latina. É ressaltado a presença de assuntos relacionados a sustentabilidade na pesca e aquicultura nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em especial o ODS 14 que se trata da "Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o

desenvolvimento sustentável”, trazendo alguns pontos que citam a pesca como um todo, mas com atenção especial à pesca artesanal que garante a subsistência e a segurança alimentar para muitas comunidades. O relatório também apresenta o “Ano Internacional da Pesca Artesanal e da Aquicultura”, que será em 2022, tendo o objetivo de chamar a atenção para o papel que os pescadores, pescadoras, piscicultores e outros trabalhadores da pesca possuem para a segurança alimentar, erradicação da pobreza e uso sustentável dos recursos naturais, além de incentivar os pequenos produtores a se associarem e a participarem dos processos políticos de tomada de decisão.

De maneira geral, o documento demonstra o crescente papel da pesca e da aquicultura em prover segurança alimentar e trabalho, sobretudo para as regiões mais pobres, e coloca que o desenvolvimento sustentável da aquicultura e um gerenciamento eficaz da pesca são fundamentais para manter essas tendências. Entretanto, os esforços de alguns países e regiões para reverter a redução dos estoques pesqueiros ainda é insuficiente, havendo necessidade de replicar e adaptar localmente as políticas relacionadas ao setor pesqueiro que obtém sucesso. Como solução para a sobrepesca e visando uma redução das pescarias insustentáveis, a FAO propõe a implementação de sistemas e modelos de gerenciamento, ordenamento e manejo pesqueiro adequados às capacidades ambientais de cada ecossistema e que busquem integrar diversos sujeitos nos processos de tomada de decisão, como as mulheres, pescadores, comerciantes e outros.

REFERÊNCIAS

FAO, FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **The state of world fisheries and aquaculture**. Sustainability in action. Roma, 2020. 244p. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/ca9229en/ca9229en.pdf>>. Acesso em: 25/10/2020.